

CORREIO BRAZILIENSE

## Pobre pode pagar a conta

Apesar de a microgeração ser altamente positiva do ponto de vista ambiental e também econômico para quem tem como investir pesado nos **caros** equipamentos, a conta dessa economia pode recair sobre os consumidores que não têm como escapar da rede de distribuição cativa das concessionárias de energia.

O presidente do **Instituto Acende Brasil**, Claudio Sales, observa que não há dúvidas de que as mudanças promovidas pela Aneel são um incentivo à geração de energia por fontes alternativas, com a flexibilização de limites e a permissão de compartilhar o excedente. “Contudo, é preciso avançar na discussão, no aprimoramento regulatório, sobretudo em relação às distribuidoras, porque o serviço delas continua sendo prestado, mas terão menos receita. Essa situação não está clara”, sentencia.

Nelson Leite, presidente da Associação Brasileira das Distribuidoras de Energia Elétrica (Abradee), alerta que as regras, como estão, podem fazer com que os pobres acabem subsidiando os ricos. “Quem não tem dinheiro para investir nos equipamentos vai acabar pagando mais caro para as concessionárias”, diz. Isso ocorrerá, explica Leite, porque a distribuidora, ao perder receita com a evasão de consumidores que conseguem zerar seu consumo com geração própria, vai recompor as perdas na revisão tarifária seguinte e a conta ficará mais cara para quem só pode usar a rede.

“Do ponto de vista da sustentabilidade ambiental, não somos contra essa iniciativa, pelo contrário. O que a gente quer, e já sugeri para a Aneel, é jogar o custo para a Conta de Desenvolvimento Energético (CDE) num primeiro momento, até que se calcule o quanto é a tarifa do aluguel da rede, o uso do fio e do sistema pelos microgeradores”, ressalta.

### Entraves

A partir do momento em que os entraves forem resolvidos e a indústria dos painéis fotovoltaicos ganhar em escala para baratear preços, a microgeração distribuída pode ser a tábua de salvação para o Brasil, que passou pela maior crise hídrica da história e aprendeu que depender apenas das hidrelétricas é um erro. “Ainda nos falta a escala, mas o primeiro parque eólico também sofreu com preços altos de equipamentos. Hoje a geração de energia dos ventos está consolidada. Temos a vantagem de que o Brasil tem sol o ano todo em todo o território”, assinala Mauro Passos, do Ideal,

Para o especialista, assim que fábricas e montadoras se estabelecerem no país, as projeções mais otimistas da Aneel e da EPE devem se confirmar. “Cooperativas de crédito são fontes de aceleração do processo de ampliação da microgeração distribuída no país. Bancos privados também podem ser multiplicadores. São mecanismos que não estão totalmente prontos, mas que estão evoluindo. A experiência no Brasil é incipiente, mas estamos no caminho certo”, aposta.

Apesar de a microgeração ser altamente positiva do ponto de vista ambiental e também econômico para quem tem como investir pesado nos caros equipamentos, a conta dessa economia pode recair sobre os consumidores que não têm como escapar da rede de distribuição cativa das concessionárias de energia.

O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, observa que não há dúvidas de que as mudanças promovidas pela Aneel são um incentivo à geração de energia por fontes alternativas, com a flexibilização de limites e a permissão de compartilhar o excedente. "Contudo, é preciso avançar na discussão, no aprimoramento regulatório, sobretudo em relação às distribuidoras, porque o serviço delas continua sendo prestado, mas terão menos receita. Essa situação não está clara", sentencia.

Nelson Leite, presidente da Associação Brasileira das Distribuidoras de Energia Elétrica (Abradee), alerta que as regras, como estão, podem fazer com que os pobres acabem subsidiando os ricos. "Quem não tem dinheiro para investir nos equipamentos vai acabar pagando mais caro para as concessionárias", diz. Isso ocorrerá, explica Leite, porque a distribuidora, ao perder receita com a evasão de consumidores que conseguem zerar seu consumo com geração própria, vai recompor as perdas na revisão tarifária seguinte e a conta ficará mais cara para quem só pode usar a rede.

"Do ponto de vista da sustentabilidade ambiental, não somos contra essa iniciativa, pelo contrário. O que a gente quer, e já sugeri para a Aneel, é jogar o custo para a Conta de Desenvolvimento Energético (CDE) num primeiro momento, até que se calcule o quanto é a tarifa do aluguel da rede, o uso do fio e do sistema pelos microgeradores", ressalta.

### **Entraves**

A partir do momento em que os entraves forem resolvidos e a indústria dos painéis fotovoltaicos ganhar em escala para baratear preços, a microgeração distribuída pode ser a tábua de salvação para o Brasil, que passou pela maior crise hídrica da história e aprendeu que depender apenas das hidrelétricas é um erro. "Ainda nos falta a escala, mas o primeiro parque eólico também sofreu com preços altos de equipamentos. Hoje a geração de energia dos ventos está consolidada. Temos a vantagem de que o Brasil tem sol o ano todo em todo o território", assinala Mauro Passos, do Ideal,

Para o especialista, assim que fábricas e montadoras se estabeleceram no país, as projeções mais otimistas da Aneel e da EPE devem se confirmar. "Cooperativas de crédito são fontes de aceleração do processo de ampliação da microgeração distribuída no país. Bancos privados também podem ser multiplicadores. São mecanismos que não estão totalmente prontos, mas que estão evoluindo. A experiência no Brasil é incipiente, mas estamos no caminho certo", aposta.

### **Necessidade**

No Brasil, o consumo médio residencial é de 170 quilowatts/hora (kWh). Para uma geração de 130kWh por mês, uma casa precisa de um equipamento de 1kW de potência que custa, em média, R\$ 8 mil. Se for um consumo maior, de 390kWh por mês, por exemplo, a instalação tem que ser de 3kW e vai sair R\$ 24 mil